

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Museologia
Curso Bacharelado em Museologia

**OS TAMBORES SILENCIADOS: ESTUDO SOBRE OS OBJETOS DA
COLEÇÃO XANGÔ DO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

MANOEL FRANCISCO DA SILVA NETO

RECIFE
DEZEMBRO /2019

MANOEL FRANCISCO DA SILVA NETO

**OS TAMBORES SILENCIADOS: ESTUDO SOBRE OS OBJETOS DA
COLEÇÃO XANGÔ DO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade
federal de Pernambuco UFPE como requisito básico para a
conclusão do Curso de Museologia
Orientador: Renato Athias

RECIFE
DEZEMBRO /2019

MANOEL FRANCISCO DA SILVA NETO

**OS TAMBORES SILENCIADOS: ESTUDO SOBRE OS OBJETOS DA
COLEÇÃO XANGÔ DO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade
federal de Pernambuco UFPE como requisito básico para a
conclusão do Curso de Museologia

. Orientador (a): Renato Monteiro Athias

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Monteiro Athias – DAM/UFPE

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Gomes -DAM/UFPE

Prof. Dr. Marcos Galindo - Liber - UFPE

RECIFE
DEZEMBRO /2019

Aos meus pais, Pedro Francisco da Silva (in memoria) a minha mãe, Maria Stela Alves da Silva, a minha esposa Edyva, aos meus filhos: Rafael, Renata e Rackel, aos meus netos: João Vitor, Dylan, Theo Lucas e Dimitri Victor, aos meus irmãos: Marcos, Marcia, Mércia e Miguel, aos genros e nora. Aos seres de luz que guiam sempre o meu caminho, aos irmãos indígenas e aos orixás, o meu muito obrigado a todos.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Renato Athias que com a sua humildade e sabedoria soube orientar com maestria os caminhos a seguir nesta minha caminhada museológica e antropológica, aos professores do curso de Museologia especialmente a professora Emanuela Ribeiro e ao professor Bruno Araújo , ao Babalorixá Manoel Papai do sitio do pai Adão, ao terreiro de Xambá, aos funcionários do arquivo público de Pernambuco, ao Museu do Estado De Pernambuco (MEPE), aos meus colegas de classe . E a flor amiga canina fiel, que está sempre presente e ensinando a nós humanos como sermos pessoas melhores.

Ninguém deve duvidar da força de nenhum Orixá, como ninguém deve duvidar da força de nenhum nome que o ser humano dá pra Deus.

Xangô

RESUMO

Os tambores que fazem parte deste estudo, são objetos de rituais que foram apreendidos dos terreiros de Xangô em Pernambuco até 1940 e levados à delegacia como evidências de “crime”. Eram originalmente utilizados em manifestações religiosas, e tomam outro contexto na medida em que eles saíram do seu ambiente ritual e foram parar em uma delegacia e em seguida doados ao Museu do Estado de Pernambuco. O objetivo nesta pesquisa, é analisar a apreensão desses objetos e estudar os seus deslocamentos e suas representações na atualidade, pois estes tambores são identificados como ILUS, instrumentos musicais da família dos membrafônicos, que integram o tradicional conjunto de percussão da música religiosa dos Xangôs, pensando a questão deste objeto dentro do museu.

Palavra-chave: Perseguição a Religião afro-umbandista, objetos etnográficos, tambores.

ABSTRATC

The drums that are part of this study are sacred objects that were seized from the Xangô's terreiros in Pernambuco until 1940 and taken to the police station as evidence of "crime." They were originally used in religious manifestations, and take another context as they left their ritual environment and went to a police station and then donated to the State Museum of Pernambuco. The objective of this research is to analyze the apprehension of these objects and to study their displacements and their representations in the present time, since these drums are identified as ILUS, musical instruments of the membraphonic family, that integrate the traditional percussion ensemble of the Xangôs religious music, thinking the question of this object inside the museum.

Key words: Persecution of Afro-Umbandist religion, ethnographic objects, Drums

SUMÁRIO

RESUMO	P.3
ABSTRATC.....	P.4
LISTAS DE FIGURAS	P.6
LISTAS DE SIGLAS	P.7
INTRODUÇÃO	P.8
PRIMEIRO CAPÍTULO	
Escritos sobre os Xangó de Pernambucano.....	p.12
SEGUNDO CAPITULO	
Os Ilus de terreiro a objeto de crime e peças de museus.....	p. 20
TERCEIRO CAPITULO	
O tambor entre o terreiro e o museu.....	p.26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.32
Referências Bibliográficas.....	p.36
ANEXOS.....	p.38

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotografia acervo Museu do Estado de Pernambuco década de 30
P.15

Figura 2 – ILUS acervo Museu do Estado de Pernambuco. P. 17

Figura 3 - ILUS e objetos acervo Museu CCSP centro cultural São Paulo. P. 18

Figura 4 e 5 Fotografia acervo Museu do Estado de Pernambuco. P.30

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Norma Técnicas.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

INTRODUÇÃO

A presente Monografia tem como objeto de estudo os tambores que fazem parte do acervo da Coleção Xangô no Museu do Estado de Pernambuco. A pesquisa está focada em três objetos que se ligaram entre si, que são os ILUS tambores que são o principal instrumento musical da orquestra dos Xangôs¹, visa estudar, analisar a apreensão desses objetos e estudar o seus deslocamentos e suas representações na atualidade, pois estes tambores são identificados como ILUS, instrumentos musicais da família dos membrafônicos, que integram o tradicional conjunto de percussão da música religiosa dos Xangôs, pensando a questão deste objeto dentro do museu e tratar da questão do preconceito que sofrem as religiões de matrizes africanas.

A motivação de estudar esses objetos partiu de uma observação feita no próprio Museu do Estado de Pernambuco, ao contemplar a exposição desses objetos dentro do museu a partir de questionamento sobre a história do objeto, chamou a atenção de entender como esse processo de musealização aconteceu, se foi uma doação feita ao museu pelos terreiros de Xangô, só que não foi exatamente o que aconteceu, ao contrário os objetos foram retirados dos seus ambientes sagrados a força e apreendidos, causando uma ruptura dentro desses espaços sagrados, daí surge a necessidade de pesquisar e contar um pouco dessa história. Há necessidade de entender todo esse processo que envolve o objeto, surge a pesquisa dentro de um espaço temporal, em que o estudo desse objeto tornasse importante do ponto de vista de pesquisa voltado ao conhecimento.

Por representar uma pesquisa em desenvolvimento e exploratória no âmbito acadêmico, quando se trata de estudar um objeto que tem uma representação muito importante no espaço religioso dentro dos terreiros de Xangô, surge a necessidade de se fazer a pesquisa e descobrir sempre algo novo que venha contribuir para as pesquisas já existentes. Dentro da academia

¹ Na época de repressão até o início dos anos 2000, em Pernambuco os cultos de matrizes africanas eram, conhecidos por xangô pernambucano. Há quem justifique a denominação do culto africano em Pernambuco "Xangô" por conta da grande popularidade do Orixá Xangô entre os negros do Estado. (ALVES, 2018,P.15).

é de suma importância trazer à tona uma pesquisa que possa contribuir para o conhecimento museológico.

Trata-se de investigar, pesquisar e trazer para a história fatos novos que venham a contribuir para o conhecimento daqueles que utilizam a ferramenta para disseminar ideais que contribui de forma relevante as pesquisas feitas dentro desse campo científico. Levando o pesquisador a buscar respostas para algo que nos tempos de hoje anda esquecido, por se tratar de um tema que incomoda a quem é detentor do objeto dentro do museu, por conta da forma que ele chegou ao local, esse objeto causa um certo incomodo a quem o detém, é necessário contar essa história também por aqueles que se sentiram de certa forma atingidos pelo acontecimento. Nas religiões de matrizes africanas é necessário que se preserve a sua história dentro de uma perspectiva em que tenham voz para divulgar as suas ideias, e ao mesmo tempo transmitir um pouco da sua trajetória, quebrando tabus e preconceitos.

Para realizar este estudo está sendo utilizada uma metodologia que busca levantar as informações sobre o assunto estudado, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto e o método qualitativo que é um estudo não – estatístico que identifica e analisa dados não mensuráveis tais como comportamento, sentimentos analise de um objeto dentro de um determinado ambiente.

Por ser um assunto que leva a descoberta de novos fatos relacionados aos objetos estudados; a pesquisa envolveu visitas ao museu, em que foi observado a exposição desses objetos dentro do espaço que está exposto no Museu do Estado de Pernambuco, feita visita a sua reserva técnica e seus arquivos no qual foram coletados dados documental e bibliográficos, tais como: registros impressos de artigos falando sobre os objetos ,registros fotográficos referentes a pesquisa , fichas de registros dos bens . Foi realizada uma entrevista inicial ao Sr. Manoel Papai que é babalorixá do Sítio do Pai Adão, localizado no bairro de Peixinhos em Olinda Pernambuco. Ele forneceu informações dos acontecimentos da época em que ocorreu a perseguição e apreensão desses objetos, através de registro de memória de estórias

contadas pelos seus parentes, pai, mãe, tios e avós, que tem como ponto de memória os fatos ocorridos.

Foi feita uma visita ao arquivo público do Recife APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano) na intenção de buscar informações dos acontecimentos que permearam os fatos ocorridos referente aos terreiros e consequente reportagens que falam sobre a apreensão desses objetos, sendo uma leitura seletiva voltado ao tema a ser estudado. Uma segunda entrevista ao Sr. Manoel Papai pela necessidade de esclarecer alguns pontos que ficaram em aberto a serem esclarecidos. Após a coleta de dados e informações foram analisadas em torno de perspectivas históricas dentro do contexto do pensamento museológico, político e social construindo para uma melhor compressão desse objeto que segue caminhos distintos e que se convergem dentro de uma perspectiva do olhar de quem vivenciou e vivencia os acontecimentos que envolve o objeto e o museu.

Estudando o objeto contribuísse para entender a sua importância, não só dentro do museu, mas fora dele na visão das pessoas que dele se utilizam em suas cerimônias sagradas, coisa que não é vivenciada dentro de um museu, são duas situações diferentes, mas que se completam dentro da museologia. A utilização do objeto dentro do terreiro de Xangô busca constantemente uma conexão com outras dimensões espirituais pois esses dois mundos o terreno e o espiritual estão interligados. Quando o objeto passa a fazer parte do museu essa ligação permanece pois o objeto não perde a sua sacralidade, sua energia espiritual está contida no objeto, mesmo que ele não esteja sendo mais utilizado, pois a sacralização não perde o seu significado, o museu mesmo detendo o poder sobre o objeto por estar no seu espaço museal, torna-se um elo entre esses dois espaços

Ao se iniciar a pesquisa o intuito foi de conhecer um pouco dessa história, identificando, pesquisando e descobrindo através de reportagens da época, arquivos e depoimentos uma descrição dos acontecimentos que culminaram na a apreensão desses objetos. Buscar respostas, pensar nos moldes museológicos e antropológico o sentido da representação desse objeto, enquanto exposto dentro do museu. Analisar o percurso e o deslocamento de

objetos da coleção xangô do Museu do Estado de Pernambuco contemplado a sua trajetória de objetos de culto nos terreiros á sua chegada ao museu e permanência.

Apresentar um histórico sobre como esses objetos surgem na coleção xangó do Museu do Estado de Pernambuco; identificar os objetos da coleção que podem fornecer informações sobre a utilização nos terreiros de xangô; objetos esses como por exemplo: duas placas que estão expostas no museu e que são fontes de informação que mostram a localização de alguns terreiros. Selecionar X objetos para uma análise sobre os deslocamentos e os processos de patrimonialização ou musealização

CAPÍTULO 1

Escritos sobre os Xangó de Pernambucano

Autores tais como: René Ribeiro, Roger Bastide entre outros tiveram em seus livros e artigos publicados, assuntos relacionados a pesquisa a ser desenvolvida, destacando principalmente particularidades das religiões de matrizes africanas bem como seus rituais, remetendo-se desde a vinda do povo africano ao Brasil de forma forçada e conseqüentemente com a sua chegada, foram na medida do possível preservando os seus costumes e suas crenças e rituais as suas divindades.

René Ribeiro médico e mestre em antropologia já possuía interesse em falar sobre o assunto na sua trajetória acadêmica, contribuiu com a sua tese de mestrado, *The AfroBrazilian Cult Groups of Recife –A study in Social Adjustment*, em 1949 , (Os grupos do grupo afro-brasileiro em Recife, um estudo de ajustamento social). O autor desenvolve um estudo antropológico que contribui para o estudo da religião de matrizes africanas e no Xangô do Recife fazendo um registro não só escrito detalhando desses rituais, bem como registro fotográfico dos rituais que aconteceram na época que é de suma importância para entender o funcionamento desse sistema religioso construindo uma base para se aprofundar na pesquisa

Segundo René Ribeiro (2014) e a Antropologia dos Cultos Afro-Brasileiros, conforme a organizadora (RIBEIRO,2014 p. 68, 69),

O toque, ou festival público com danças e cânticos ao som de tambores especiais, coroados por possessões as vezes de grande efeito dramático, desenrola-se num clima emocional completamente diferente do que prevalece durante os sacrifícios e rituais privados que geralmente precedem essa cerimonia. Do toque dizia-nos certo sacerdote que serve para “ trazer os orisha para brincar “. Antes de iniciar um toque tira-se geralmente o ebo dos sacrifícios da véspera ou da manhã desse dia e ouvido o “recado” dos portadores (que augura tranquilidade e segurança ou a boa vontade do orisha ou bom encaminhamento da “carga “ mágica a ele adstrita) dirigem-se

os músicos ao pegi donde retiram os tambores a serem usados para ocasião.

O autor já cita algo relacionado aos rituais e dá uma explicação bem didática da importância do objeto dentro dos rituais, essa representação do Ilu dentro do ritual de Xangó, mostra o quanto é importante a sua atuação em rituais sagrados, até porque o próprio tambor é reconhecido como algo a ser cuidado e protegido dentro do terreiro. Utilizar René Ribeiro como uma das fontes principais é a importância da sua obra nos estudos voltados no terreiro dos cultos africanos em que ele procura explicar todo o processo de rituais que mantém uma etnografia atual ao expressar os rituais de Xangô no Recife palco dos acontecimentos que envolve o estudo do objeto.

Bem como Roger Bastide, realizou diversas pesquisas de terreiro e de ter participado pessoalmente em experiências religiosas, proporciona a possibilidade de observar de perto realidades diferentes faz com que possamos entender o funcionamento dos rituais religiosos, na visão de antropólogo, sua obra contribui no estudo das relações que se estabelecem entre o cristianismo e a religião de matrizes áfricas no qual o sincretismo religioso está presente em seus rituais, a descrição desses rituais observados pelo autor: transe, candomblé nagô, candomblés de caboclo, macumba, messianismo, poesia, arte, literatura, relações raciais, movimentos negros, e outros temas atravessam seus escritos. Sua obra busca esse encontro com elementos, por vezes considerados irracionais, como a religião, a magia, a poesia, a arte, e constrói propostas metodológicas e formas de narrativa adaptadas a esse encontro.

A autora Zuleica Dantas nos remete não só aos objetos mas ao próprio acontecimento com relação a perseguição e apreensão desses objetos e a tese da historiadora Zuleica Dantas Pereira Campos, (O COMBATE AO CATIMBÓ: PRÁTICAS REPRESSIVAS ÀS RELIGIÕES AFRO UMBANDISTAS NOS ANOS TRINTA E QUARENTA), estudiosa no assunto que envolve religiões de matrizes africanas ela escreveu vários artigos que conta a história do povo negro perseguido pela polícia tendo como pano de fundo a intolerância, a religião de matrizes africanas

Em sua tese, encontramos uma descrição dos fatos ocorridos em ordem cronológica que levou a entender esse processo de perseguição com a religião e o objeto. Em sua pesquisa nos deparamos com um artigo intitulado A POLICIA NO ESTADO NOVO COMBATENDO O CATIMBÓ, publicado na Revista Brasileira de História das Religiões, ano I , N 3 Jun , 2009 logo no início do texto temos a seguinte frase:

Nosso objetivo, neste capítulo, é analisar as estratégias de perseguição e repressão, por parte do aparato policial, às religiões afro-umbandistas através da propaganda veiculada pela imprensa, particularmente o jornal *Folha da Manhã*, no período de 1937 a 1945. Nosso estudo também analisa a documentação registrada na Secretaria de Segurança Pública (SSP), através do trabalho policial da DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social). (CAMPUS, 2009,P.301).

Percebe-se que a autora explana de maneira clara como as religiões tiveram uma perseguição ferrenha durante este período e que não só os poderosos da época, diga-se de passagem, o governo, políticos e religiosos construíram um pensamento racista e preconceituoso que levou a comunicar em perseguição e prisões tanto das pessoas que praticavam a religião bem como seus objetos sagrados de culto.



Fotografia acervo Museu do Estado de Pernambuco, 1938

Em sua pesquisa Miriam Sepúlveda Santos, doutora em sociologia, com sua narrativa museológica nos leva a pensar a importância da presença do negro dentro do museu representado pelos seus objetos e rituais, em seu artigo intitulado “Entre troncos e atabaques: a representação dos negros nos museus brasileiros. A sua fala irá contribuir para pensar o objeto no contexto museológico dando um embasamento para analisar a questão do objeto, o negro por estar representado em vários museus do país, seus textos abordam temas relevantes para o estudo.

As questões vão surgindo em torno dessas perguntas que envolvem não só a religião mas o objetos que permeiam o seu cotidiano, no livro *Coleção Culto Afro – Brasileiro – Um testemunho do Xangó Pernambuco Museu do Estado De Pernambuco de Raul Lody*, o leitor irá deparar-se com as coleções vindas das delegacias oriundas dos terreiros do Recife e de sua periferia, chegam ao museu e tem como seu guardião o acervo que irá revelar através dos objetos o testemunho que eles representam nesse contexto histórico que envolve esses objetos.

O autor Raul Lody faz um trabalho importante de catalogação desses objetos, transformado em livro, mas que na sua organização fica abertas algumas lacunas e que surge a necessidade de mais pesquisas na procura de repostas e identificação desses objetos. No seu texto *A coleção*

enquanto testemunho do Xangó Pernambuco no início tem-se a seguinte informação:

Reunindo 307 peças em madeira, tecido, folhas-de-flandres, ferro, cerâmica, gesso, couro, palitos de dendezeiro, cabaças, chifres, conchas, cascos de tartaruga, entre outros tipos de materiais , temos a coleção Culto Afro-Brasileiro – Um testemunho de Xangó Pernambucano , acervo que revela técnicas , formas , usos e, principalmente ,a marca determinante do estilo de culto desenvolvido nos terreiros do Recife, na época em que tantos objetos foram tomados dos seus espaços sagrados pela repressão policial, na década de quarenta. (LODY,1983, P.15)

Percebe-se que mesmo esses objetos estarem hoje fazendo parte do acervo Museu do Estado Pernambuco como seu “guardião “ há na fala do autor um sentimento de revolta diante da situação em que esses objetos foram parar dentro do museu. A questão da musealização do objeto nos leva a pensar em que lugar de fato ele deveria estar. Encontra-se nesse livro um apanhado de informações que pode levar o mapeamento da vida desses objetos. Em seu livro O negro no Museu Brasileiro Construindo Identidade (LODY,2005, P.47 :60) ele dedica um capítulo intitulado Xangó Pernambucano no museu do Estado em que mostra de forma mais precisa a representação dos objetos dentro do espaço museal , inserindo um diálogo entre o objeto e o museu em quanto representação social do indivíduo que frequenta o museu e sua percepção diante do que está exposto, algo que leva a reflexão e questionamentos .



ILUS acervo museu do estado de Pernambuco. Foto Manoel Neto .

Em o Turista Aprendiz (ANDRADE, 2015) nas suas pesquisas de campo Mario de Andrade, narra o seu dia a dia através de um diário , ao passar em terra Pernambucanas se aproveita da situação ao ser recebidos por autoridades Pernambucanas , visita a delegacia onde se encontra os objetos do terreiros de Xangó apreendidos, e se apossa de vários objetos ,inclusive os tambores ILUS que hoje se encontram no Centro Cultural São Paulo.

Segundo informação coletada na página do Museu da Abolição (MAB), recentemente o Museu Afrodigital e o Museu da Abolição (MAB) apresentam a exposição “Repatriação Digital do Acervo Confiscado de Terreiros” em parceria com o Centro Cultural São Paulo – CCSP, composta por fotografias digitais dos objetos de terreiros do Recife que foram confiscados pela polícia na década de 1930, durante as perseguições às religiões de matriz africana. O conjunto destes objetos foi cedido pelas autoridades policiais à Missão de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade, durante sua passagem pelo Recife em 1938, e hoje se encontra sob a guarda do CCSP. Esta exposição é o resultado do projeto Repatriação Digital do Acervo Afro-Pernambucano Sob a Guarda do

Centro Cultural São Paulo, financiado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco – Funcultura



FOTOS ILUS da coleção do Museu CCSP Centro Cultural de São Paulo – Imagem copiada do site da exposição virtual museu afro digital.

Podemos observar que esses ILUS tem ligação com os ILUS do museu do estado de Pernambuco, é bem provável que pertenceram aos mesmos terreiros o qual pertenceu os que estão aqui em Pernambuco, seria necessário uma análise maior para afirmar cem por cento, mas as semelhanças são muitos diante da forma e o material utilizado.

Mario de Andrade se apossa de algo que não lhe pertence e que ao se apoderar desses objetos, deixa órfão vários terreiros do Xangó de Pernambuco, parte de sua identidade é levada, sem nunca ter voltado ao seu lugar de origem.

É de suma importância entender essa relação do objeto, fora do seu espaço sagrado indo parar em outro estado, dificultando que os seus admiradores que vivem aqui no estado de Pernambuco sejam impedidos de usufruir do objeto enquanto propriedade do museu.

Em Cultura Afro- descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós. (LIMA, 2007, GUILLEN, 2007. Em seu artigo intitulado Catimbó: saberes e práticas em circulação no nordeste dos anos 1930-1940.,

(GUILLEN,2007, P.203 :204). A autora cita um fato ocorrido na década de 40, em pleno estado novo que diz o seguinte:

De ordem do Dr. José Francisco, delegado de Vigilância Geral e Costumes, o comissário Idelfonso Vasconcellos, acompanhado dos investigadores 242,274, cercou, hotem, à tarde, na estrada do Remédios, a casa do catimbozeiro Manoel Viera de Mello, que se diz carroceiro effectuando a sua prisão e da sua mulher, que desde muito vinham explorando os incautos, fazendo sessões de baixa magia. Por ocasião da delligencia a polícia appenhendeu dois punhaes, duas facas “peixeiras” , uma foice e dois caixões, contendo grande quantidade de nickeis, pratas e algumas cédulas. Folha da Manhã, Recife: Edição matutina, 20 de setembro de 1940,p.7.

Percebe-se uma perseguição as religiões de matrizes africanas, a autora faz um relato em que mostra a apreensão de objetos utilizados em rituais bem como a intolerância religiosa.

Em seu livro O povo Xambá Resiste 80 anos da repressão aos terreiros em Pernambuco (ALVES, 2018) a autora conta a história do terreiro de Xambá e entre textos narra vários fatos importantes que marcaram este acontecimento que acaba citando os objetos estudados. O objeto vai estar presente em sua narrativa no qual o registro sobre a perseguição as religiões de matrizes africanas. Em sua contracapa a autora deixa a mensagem que a história contada pelos que viveram os fatos, pelos que trazem na memória e na pele as marcas das muitas dores sofridas em 80 anos de repressão, pela proibição de viver sua religiosidade, pela proibição de cultuar seus deuses, pela proibição de expressar sua liberdade.

É, principalmente, a história de resistência e das conquistas da nova geração de xambazeiros. Observa-se um registro de fatos e de memória que irá preservar fatos ocorridos e de importância para compreensão dos acontecimentos que atingem diretamente o objeto de estudo, essa perseguição na narrativa é importante pois contribui para melhor conhecimento dos fatos ocorridos.

Na museologia encontramos textos que tratam da questão do museu desde os seus conceitos a pensar o objeto dentro da perspectiva museológica, em seu livro *Museu e Museologia* (Poulot, 2013), tem uma narrativa muito importante quando se trata da definição de museu, bem como a sua importância dentro da questão objeto e museu. De acordo com POULOT, (2013, p.12)

O museu parece estar fadado a contribuir para emergência de um interesse comum no âmago do espaço, público; ele exerce, de fato, uma hegemonia em termos de coleções, assim como de reflexão coletiva a propósito do patrimônio, do ponto de vista tanto da filiação e identidade, quando da experiência relativa a alteridade. Em particular, a nova cultura museal nutre uma reflexão sobre a memória, seu trabalho suas ambivalências e seus paradoxos, até mesmo sobre os recursos que ela oferece em face de abjeção histórica.

O autor mostra questionamentos a serem pensados e dialogados no decorrer do tema abordado na monografia, será que de fato o espaço museal contribui para uma interação entre seu visitante e os objetos expostos? São questionamentos a serem debatidos e pensados, pois nem sempre essa hegemonia em termos de coleção correspondem as expectativas de quem o visita. A reação muitas vezes ao ver um objeto exposto em uma vitrina de um museu, causa angustia a que o observa.

Em *Memória e Patrimônio ensaios contemporâneos* (ABREU, 2009, CHAGAS 2009, uma obra de suma importância para museologia os autores trazem artigos que nos leva a pensar a questão do patrimônio e sua importância dentro do museu. Em um dos artigos vale destacar o texto *Patrimônio como categoria de pensamento* (GONÇALVES, 2003, P.27) em que o autor cita a seguinte parágrafo:

A noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade. A literatura etnográfica está repleta de exemplos de culturas, nas quais os bens materiais não são classificados como objetos

separados dos seus proprietários. Esses bens, por sua vez, nem sempre têm atributos estritamente utilitários. Em muitos casos, servem a propósito práticos, mas carregam, ao mesmo tempo, significados mágico religiosos e sócias. Configuram aquilo que Marcel Mauss (1974) denominou “fatos sociais totais”. Tais bens são, simultaneamente, de natureza, econômicas, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica e fisiológica. Constituem de certo modo, extensões morais de seus proprietários, e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos.

A importância deste material contribui para um melhor entendimento do objeto enquanto propriedade dentro do museu e fora dele, são duas formas de se pensar o quanto a retirada de algo do seu espaço de origem e ao mesmo tempo ganha a categoria de patrimônio. Apresentadas a questões dos múltiplos escritos sobre o assunto percebe-se o quanto é importante esta pesquisa para melhor elucidar os acontecimentos que seguem adiante na busca por respostas e ao mesmo tempo pensar o objeto enquanto arquivo dentro do museu.

CAPITULO 2

Ilus de terreiro a objeto de crime e peças de museus.

Quando começamos a procurar respostas para algo que aconteceu, nos deparamos muitas vezes com uma narrativa em que os acontecimentos que levaram os objeto dos terreiros de Xangô , que foram parar no museu , há um caminho doloroso que sofreram as religiões de matrizes africanas, ter a sua religião perseguida e não respeitada causou um grande estrago histórico no período em que houve essa perseguição e a apreensão dos seus objetos sagrados, o próprio Babalorixá Manoel Papai do Terreiro do Pai Adão em sua entrevista concedida ao Professor Doutor Renato Athias Coordenador do NEPE (Núcleo de Estudos e pesquisas sobre Etnicidade) o qual participei como pesquisador, mostra um depoimento em que o entrevistado conta um pouco de como surgiu o terreiro e em sua narrativa, cita fatos importantes sobre a sua religião e os acontecimentos da época em que houve a perseguição religiosa, são memórias passadas , que hoje estão presente, visto de outra forma na qual as religiões de matrizes africanas continuam sendo perseguidas. Conforme narrado em entrevista é importante citar alguns trechos relacionados a pesquisa, que elucida os fatos ocorridos na época. O Babalorixá Manoel Papai inicia com uma introdução de como surgiu o Xangô de Pernambuco que diz o seguinte:

Vamos falar um pouco dessa estrutura do xangô de Pernambuco, Pernambuco começou com o sitio do pai Adão, com a vinda para Pernambuco de Ifá Tinuké uma negra que veio da cidade de Oio , criou em água Fria um terreiro Obá e Odé, com ela vieram outros negros, esse terreiro continua de pé contando uma história bonita e falando em ioruba ainda. Mais o Xangô de Pernambuco não é somente o terreiro do Pai Adão, algumas casas antigos como O loboJó que era Eustáquio Gomes de Almeida, filho de Obaluaê, com um terreiro na Campina do Barreto na rua do Dendê, 414 , este homem foi muito importante na história do Gegê de Pernambuco. Era filho de um homem que se dizia filho de Santo de Bomboché, ainda hoje Bomboché é o Egum mais invocado no Brasil.

A trajetória mostra um embrião a ser formado que irá resultar na criação dos terreiros de Xangô em Pernambuco a vinda desse povo deu início a uma reunião de pessoas que passaram de forma organizada a cultuar seus orixás. (RIBEIRO, 2016, P.79 , Revista do APEJE) o autor cita a seguinte parágrafo:

Com a expansão da cidade e o refluxo da população pobre para a periferia de área urbana é nos bairros mais afastados que se vão encontrar as casas de cultos arroladas em 1934-cinco no fundão quatro em C Grande, duas na encruzilhada e Arruda, Aguar Fria, Tegipió e o Pina contando cada qual com uma apenas. A maior parte desses grupos admitiam sincretismo.

Forma-se uma comunidade voltada ao culto religioso do Xangô, o sincretismo está presente, como uma forma de se proteger das perseguições religiosas presentes nesses espaços que vivem em tensão constante pondo em risco a sua liberdade de culto aos seus deuses e aos seus rituais. No decorrer da entrevista outros fatos importantes vão surgindo que relatados por sua memória traz a tona relatos de uma perseguição.

O que é que foi essa perseguição em Pernambuco? Foi um momento doloroso que eu não sei se hoje, a polícia tinha coragem de entrar nos terreiros pra fazer o que fizeram, invadiam os terreiros, batiam nas pessoas, levavam os apetrechos, eu chamo isso assalto, roubo, porque foi isso que a polícia da época fez. Hoje o negro é consciente do seu papel, hoje o povo de terreiro respeita para ser respeitado.

O que salvou em parte os terreiros de Pernambuco? Por incrível que pareça a Igreja Católica, faz parte desse momento, os terreiros para sobreviver eram obrigados a rezar ladainhas para Nossa Senhora, para Santo Antônio, festas de São João, todo um ritual católico dentro dos terreiros. Um grupo de pessoas de roupas de santo azul e branca na frente de um altar cantando pra Nossa Senhora, em latim, em latim ficavam lá cantando pra Nossa Senhora, as senhoras, negros, brancos e quando acabaram de cantar a última reza, a Deus a mãe de bondade senhor do Bomfim adeus, o Ilú tocou e cantaram pra Exú, na mesma hora as mulheres que estavam no altar saíram e formaram a Gira e

os Ogans tocavam, elas estavam cantando em latim, passaram a cantar em iorubá.

O sitio do Pai Adão por exemplo tinha uma capela, houve perseguição também ao sitio do Pai Adão, só que eles tiraram o que era mais de precioso de dentro do Pegí e entregaram a natureza, mas está lá dentro do sitio, está lá dentro da terra um pé de iroco que é oco no meio e ali foi colocado tudo aquilo que veio de África, que Fatinoqué deixou, nos zelamos pelo pé de iroco, oramos e chamamos dali um espaço sagrado.

Em outros terreiros como o pátio do terço uma casa tradicional do Xangô do Recife, sediou-se lá na casa de Sinhá e Aia as duas velhas importantes do Nagô de Pernambuco também, no mês de outubro elas faziam uma festa para dar comida aos orixás, orixás que viviam trancados dentro de um móvel de madeira e só saiam em outubro, esses eram fechados e trancados para que os policiais não entrassem e não levassem tudo, então era apenas um móvel cheio de taças de vidros de bibelôs. E tem uma coisa mais engraçada nessa estória, alguns políticos participavam dessa festa deste almoço que era o encerramento, para os políticos eles estavam comendo a comida que foi feita para o banquete, quando na realidade eles estavam comendo os restos de Exu, de Iemanjá, o peguire de Xangô e outras comidas da culinária africana. Estas eram umas das marcas da história do negro em Pernambuco através do terreiro de candomblé, toda riqueza que saiu daqui a única coisa que Pernambuco ficou está aqui nessa casa, esses apetrechos, os oches, as ferramentas de Ogum, de Ode, Obaluaê, os apetrechos de Naná, os xeres de Xangô, as louças de Oxalá, de Iansã estão aqui.

Nessa narrativa existem fatos históricos contados através da visão de um pai de santo em que mostra o quanto lutaram para manter viva a sua religião, mesmo diante das perseguições aos terreiros de Xangô, os objetos estão presentes em sua narrativa e mostra de fato a sua importância dentro de seus rituais, seja os ILUS que sempre estão presentes em seus rituais, sejam os outros objetos descritos. Os ILUS possuem uma representação e presença muito forte, os Ogans estão sempre presente nesse espaço ritualístico, em seu artigo intitulado A função mágica dos tambores na Revista do APEJE ano 1 n.1 abr/maio/jun 2016 (VALENTE, 2016, P,99), ele descreve o seguinte:

O tambor é o principal instrumento musical da orquestra do Xangô. Sua música é, nas religiões africanas, um traço mágico de ligação entre criaturas humanas, frágeis e mortais, e as divindades invisíveis, poderosas e eternas. Espécie de meio de comunicação entre o mundo terreno em que vivemos e o mundo celestial dos orixás

Essa comunicação está presente o tempo todo nos rituais do xangô, esses tambores contam uma história de luta, perseguição e resistência e esse objeto representa toda uma trajetória dentro do seu espaço não museu e sim espaço sagrado em seu lugar de origem.

Diante da entrevista fica claro que os fatos correspondem a um acontecimento que resultou em um rompimento forçado dos seus objetos sagrados, pois terreiros tiveram que lutar para permanecer praticando a sua religião, adaptando-se a uma nova situação criada pela perseguição que acarretou em perdas dos seus objetos sagrados. A década de trinta e quarenta foi um marco no rompimento nas práticas religiosas vividas por esse povo.

Perseguição a religião e ao objeto.

Pensando no que foi escrito em sua tese a historiadora Zuleica Dantas Pereira Campos, (O COMBATE AO CATIMBÓ: PRÁTICAS REPRESSIVAS ÀS RELIGIÕES AFRO UMBANDISTAS NOS ANOS TRINTA E QUARENTA), a narrativa com os fatos ocorridos, nos remete ao presente, em que o passado retorna das profundezas de um tempo sombrio e se estabelece nos tempos atuais. Engana-se quem pensa que a perseguição aos terreiros de Xangô só ocorreu entre 1938 e 1945, essa aversão aos cultos remete a 1920 em que os terreiros deveriam pedir autorização para funcionar. Essa prática de repressão não foi passageira durou muito tempo, trazendo sérios problemas as religiões de matrizes africanas.

Quando paramos para analisar o sistema de dominação de um povo sobre outro estão sempre utilizando como justificativa que algo que venha tornar algo desconhecido como coisa demoníaca, o dominador sempre usa

desse artifício para perseguir, um discurso na maioria das vezes político, social e religioso que com suas experiências, tentam provar aos que não fazem parte da religião de matriz africana que estas ações são necessárias para que o “mal de Xango” não se espalhe. Foi com esse discurso que várias pessoas da política e sociedade pernambucana, criaram uma santa aquisição, para perseguição aos terreiros de Xangô. São fatos históricos registrados na memória e escritos de jornais da época que na década de 30 precisamente teve de fato uma explosão de perseguições e apreensão de objetos sagrados.

Em seu artigo publicado Revista de Teologia e Ciências da Religião de, 2015 - unicap.br, temos uma narrativa que resume um pouco dessa história.

O chicote da década de 1930

A construção de um discurso justificatório é processual e pode perpassar décadas, atravessar séculos. O que explodiu na década de 1930 é um desses. Depois da Lei Áurea que, em 13 de maio de 1888, oficialmente, pôs fim ao sistema escravista no Brasil, os fazedores de leis colocaram no Código Penal de 1890, o primeiro republicano, artigos através dos quais se poderia “enquadrar as religiões dos negros, geralmente tidas como feitiçaria, bem como manifestações da religiosidade das camadas populares, agora potencialmente mais perigosas, por que engrossadas por milhões de negros livres” (DANTAS, 1984).

O Capítulo III do Código Penal de 1890 trata dos crimes contra a saúde pública. Nele, o art. 157 diz:

Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incurais, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica: Penas de prisão celular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

Tem-se início um sistema criado para perseguir as religiões o qual cominara em algo mais abrangente esse tipo de acusação voltada a religião de matrizes africanas mostra quanto as pessoas não tem conhecimento do que é de fato o sentido da pratica religiosa. E com o passar do tempo surgiu uma figura icônica que irá ser o anjo e demônio nessa estória o médico e professor de Medicina Legal em Salvador Nina Rodrigues, com pensamento positivista seguidor do pensamento de Augusto Comte e do evolucionismo religioso de Edward Tylor, publica um estudo dos cultos afro-brasileiro em folhetins com o título o animismo fetichista dos negros baianos, o qual mostra-se um texto racista, em seu artigo (DANTAS,1984). Destaca:

Ao iniciar, na Bahia, no final do século passado, o estudo sobre as religiões dos negros. Nina Rodrigues, médico-psiquiatra e adepto do racismo, colocasse frontalmente contra a perseguição policial movida aos candomblés, perseguição que se fazia com base num Código Penal por ele considerado anacrônico, na medida em que colocava em pé de igualdade os crimes cometidos por brancos e negros, sem levar em conta a “Ciência” que apontava para a inferioridade das raças não-brancas. Isso, no seu entender, deveria atuar como um dos “modificadores de imputabilidade”, pois não se poderia julgar o negro do mesmo modo que o branco [...]. A ilegalidade das perseguições, segundo Nina Rodrigues, não decorreria apenas da forma arbitrária e violenta com que a polícia agia sobre os candomblés, mas também do fato de infringir a Constituição que, assentada em pressupostos de igualdade, assegurava liberdade de culto a todas as religiões, e o Candomblé, ou pelo menos, o Candomblé jeje-nagô, era verdadeira religião (DANTAS, 1984, s.p.)

Eis que se mostra dos pesos e duas medidas no pensamento de Nina Rodrigues de um lado ele contesta essas perseguições, enquanto mostra-se racista ao diminuir e subestimar a inteligência das pessoas negras, por praticar

uma religião vista como seita e coisa do demônio pela maioria das pessoas da época que compartilhavam com esse pensamento. Esse pensamento teve adeptos em Pernambuco através de um dos estudiosos da época o Sr. Ulysses Pernambucano, médico psiquiatra e discípulo de Nina Rodrigues, quando criou em 1931 o Serviço de Higiene Mental (SHM). Dando sequência a essa narrativa

Em nome da Psicologia, os intelectuais tentavam libertar os cultos do controle policial, para submetê-los ao controle “científico”. Também a Antropologia agora, aparentemente descartada da feição biológica racista, continuava nesse diálogo através das categorias religião e magia. Estas assumem grande importância nesse diálogo entre a Lei e a Ciência, porque marcam as fronteiras do legal e do ilegal.

[...]convém lembrar que, de conformidade com a interpretação de Nina Rodrigues e que se adequava à formação médico-psiquiátrica dos pesquisadores, a possessão era interpretada como uma síndrome patológica. Desse modo, o SHM era também um centro de estudos, onde os adeptos dos xangôs eram submetidos a “rigorosa observação” e “exames mentais”, pretendendo-se por essa via estabelecer um “controle científico” sobre os cultos, controle que deveria substituir a ação da polícia (DANTAS, 1984, s.p.).

O SHM (Serviço de Higiene Mental do Estado), tem uma grande importância nos acontecimentos pois irá interferir na situação do Xangô praticado no Recife. Foi feito um acordo em que os terreiros poderiam realizar suas celebrações, no qual o Dr. Ulisses Pernambucano recebia convites para participar das festas, o mesmo confirmava a presença e o departamento de diversões de polícia através de um pedido autorizava a abertura do terreiro. Só

que nem tudo são flores nessa relação de morde e assopra, pois os terreiros sofreram perseguições e tiveram seus objetos confiscados.

Em seu artigo Zuleica Dantas faz uma menção aos acontecimentos ocorridos na época, some-se a isso a própria conjuntura política da primeira metade da década de 1930 com a instalação do Estado Novo, sobretudo no Nordeste. Neste período, a atuação do Partido Comunista resultou em levantes que atingiu a região e alguns dos intelectuais envolvidos com os cultos de matriz africana, direta ou indiretamente, eram vistos com desconfiança pelo Governo. À época, era interventor de Pernambuco Agamenon Magalhães. Com a chegada da Congregação Mariana,

[...] Estado e Igreja se juntaram numa caçada a todos aqueles que ameaçavam a ordem estabelecida. Dessa forma, ao objetivarem empreender uma caçada aos inimigos da Igreja, que automaticamente era considerados inimigos do Brasil, elegeram as religiões afro-brasileiras como uma das mais perigosas práticas anticatólicas na sua luta contra os “elementos dissolventes de nossa civilização” (CAMPOS, 2004, p. 249).

A junção do estado novo e a igreja teve como resultado a caça as bruxas, o inferno astral das religiões de matrizes africanas se inicia, terreiros fechados, objetos destruídos e apreendidos pela polícia, deixando as pessoas seguidores e praticantes da religião apavorados, os praticantes de jurema e Xangô não tem liberdade para cultuar seus orixás eram denominadas de seitas e com isso tiveram que se reinventar para permanecerem cultuando e praticando seus rituais. Abaixo fotos que mostram parte desses objetos sendo apreendidos.



Foto -do arquivo do Museu do Estado de Pernambuco



Foto -do arquivo do Museu do Estado de Pernambuco

CAPÍTULO 3

O tambor entre o terreiro e o museu.

Os ilus possuem vida própria dentro do terreiro de Xangô, eles são três tambores que se relacionam na iniciação de um toque. Em a função mágica dos tambores na Revista do APEJE ano 1 n.1 abr/maio/jun 2016 (VALENTE,2016, P,101), ele descreve o seguinte:

Há sempre três espécies desses membranófonos. Geralmente, um grande, um médio e um pequeno, chamados na Bahia, respectivamente de rum, rumpi e lé, por meio deles se faz a marcação do ritmo coreográfico. Ritmo que exhibe grande riqueza de formas. As vezes se arrasta em movimentos lentos e cansados. O jogo dos pés, das mãos, cabeça, do corpo, e até fisionômicos, mostra-se calmo, sem transições violentas, ou, ao menos, mais discrepantes capazes de prender a atenção. Não tarda, porém, a se tornar mais apressado, mais gracioso, menos monótono, com bamboleios sensuais, gestos de expressão simbólica ou decorativa. Ou, mesmo acelerado com volteios vertiginosos, com gesticulações bruscas e violentas. Sob qualquer aspecto em que se manifestam as danças sagradas há sempre uma cadência e o ritmo não se perde nunca. Toda essa movimentação ritmada é comandada pelo som dos atabaques, e particularmente, pelas variações de sua cadência musical.

Os Ilus representam o poder dentro do espaço sagrado na prática do Xangô, as divindades não aparecem se não existir o toque aos orixás, ligação terrena com as divindades, segue um ritual iniciado pelo toque e nesse ritmo

segue todo ritual dentro do terreiro. E segue a descrição desse instrumento tão especial. Conforme Valente (2016 p,105),

Os tambores de uso no Xangô são considerados objetos sagrados. Antes de funcionarem, quando novos, logo depois de fabricados, são submetidos à cerimônia que obedece a técnicas de rigorismo quase ortodoxo e que culmina, por vezes, no batismo de sangue, e que lhes confere o poder mágico de que ficam dotados. Quando terminam a festas e cerimônias religiosas, os tambores são guardados, com todo cuidado, carinhosamente, dentro dos pegis, que são relicários e santuários onde se conserva os objetos sagrados do Xangô.

Ao visitar o Terreiro de Xambá localizado na Rua Severina Paraíso da Silva,⁶⁵ Portão de Gelo - São Benedito - Olinda (PE) ao ser recebido pelo o Sr. Hildo Leal da Rosa, historiador e membro do terreiro de Xambá, uma narrativa contada por uma pessoa mais jovem que trabalha no arquivo público de Pernambuco traz uma outra visão dos acontecimentos e a relação do objeto e o museu. Ele descreve um pouco sobre a perseguição religiosa que sofreram as religiões de matrizes africanas, e no desenrolar da conversa, ele falou sobre o funcionamento a importância dos Ilus dentro do terreiro. Antes dos toques faziam louvação a igreja católica, colocavam as imagens dos santos católicos no centro, mas não incentivavam as pessoas a cultuar esses santos e sim o culto aos orixás.

Hildo conta que os Ilus dos rituais afro-brasileiros conversam o tempo inteiro. Cada toque guarda um determinado discurso, passa determinada mensagem, conta alguma história. Os ogãs tocadores dos tambores, nos rituais precisa conhecer o toque adequado para cada orixá, os toques tem sua particularidade então temos como exemplo: O ilú de Iansã (o popular “quebrapratos”) é muito rápido e repicado, representando a agitação da senhora dos ventos, controladora de relâmpagos e tempestades. O alujá de Xangô é vigoroso e se caracteriza pelo constante dobrar do rumo, o maior dos tambores, como a simbolizar os trovões que o grande orixá comanda.

É importante lembrar que um *xirê*, a festa de candomblé, é o momento em que os orixás baixam nos corpos das iaôs para representar – através da dança, dos trajes e emblemas passagens de suas trajetórias míticas. Através da representação dramática, a comunidade se recorda do mito e dele tira um determinado modelo de conduta. As danças, ao contar histórias protagonizadas pelos orixás, servem de exemplo para os membros do grupo. Em suma, ritualiza-se o mito em música, coreografia, crença e arte, para que ele continue vivo para a comunidade, cumprindo assim sua função modelar, tudo isso sem a presença dos Ilus não seria possível a realização de todo esse ritual sagrado.

Diante dessa breve explicação da importância do Ilu dentro das religiões de matrizes africanas, o objeto possui uma dimensão que vai além do ritual, ele representa o sagrado, o guia, o caminho que leva os praticantes do Xangô a ter um respeito por esse objeto. Todo objeto tem duas funções pensando a ideia dele dentro e fora do museu, uma que é de ser utilizado o outro de ser possuído. Segundo (BAUDRILLARD, 1929-2007)

A primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo a outra um empreendimento de totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo. Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra. Em última instância, o objeto estritamente prático toma um estatuto social: é a máquina. Ao contrário o objeto puro, privado de função estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção.

O que se percebe é que todo o processo do objeto ao ser retirado do seu lugar de origem o terreiro, toma outra dimensão, enquanto objeto dentro do museu, ao se tornar coleção serve de modelo a ser observado, protegido, “santificado” agora como algo a ser contemplado, estudado, preservado, sendo exposto diferente da sua utilidade original, agora já não pode ser tocado, ele foi silenciado no espaço que ele ocupa, as vezes o silêncio é quebrado não com o seu toque, mas com os passos e olhares curiosos dos que o visitam o museu.

Quando se pensa em um objeto dentro do museu a museologia tem a ideia de preservar, em conceitos-chaves de museologia pág. 57 temos a seguinte expressão:

O processo de musealização não consiste meramente na transferência de um objeto para os limites físicos de um museu, como explica Zbyněk Stránský [1995]. Um objeto de museu não é somente um objeto em um museu. Por meio da mudança de contexto e do processo de seleção, de “thesaurização” e de apresentação, opera-se uma mudança do estatuto do objeto. Seja este um objeto de culto, um objeto utilitário ou de deleite, animal ou vegetal, ou mesmo algo que não seja claramente concebido como objeto, uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica.

Nem sempre o objeto separado do seu lugar de origem na intenção de ser estudado como algo que representa a realidade, terá de fato sua materialidade real, principalmente quando se trata de objetos sagrados, o objeto deixa de ser utilizado, tocado e ritualizado, apenas servira de testemunho de algo que aconteceu, ele foi separado do seu contexto, gerando uma perda de informação a qual muitas vezes ficara perdida para sempre. Esses objetos perderam sua identidade e tornaram-se apenas algo a ser contemplado, objeto de fetiche do museu que muitas vezes não tem nem noção do significado do objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado desta pesquisa não termina, apenas é um embrião que está crescendo a procura de respostas. Há necessidade de uma pesquisa aprofundada da história do objeto, perguntas foram feitas algumas tiveram respostas outras ficaram em silêncio. Mas todo esse processo de perseguição gerou expectativas em torno do objeto e a quem de fato eles pertencem, por serem separados dos seus donos, mesmo protegido dentro do museu, eles continuam ligados aos seus antepassados. A violência sofrida se reverbera até os dias de hoje, violência essa perpetrada pelo estado ao povo de religião de matrizes africanas.

Mesmo assim o Museu possibilita acesso a história e ao conhecimento de episódios que ocorreram, o qual não devem ser esquecidos, para que evitemos a repetição dessa mesma narrativa. Sabemos que a história está se repetindo de uma outra forma, igrejas radicais pentecostais evangélicas estão destruindo terreiros na cidade do Rio de Janeiro e em outros locais, mas isso é uma outra história a ser contada. Cabe ao governo fazer valer a constituição e através de políticas públicas, faça com que o direito constitucional permita a liberdade de praticar a religião de matriz africana, sem que seja necessário termos de recorrer ao museu para conhecermos a história desse povo. A museologia está presente em todos os lugares sejam espaço interno no caso a instituição museu de visitação, seja seus espaços externos, permitindo que os terreiros contem a sua própria história através dos seus objetos. Os objetos que foram retirados a força dos seus espaços sagrados e salvaguardados, mostraram o quanto o preconceito e a perseguição as manifestações religiosas deixaram marcas. A pesquisa não termina há muitas respostas e caminhos a serem percorridos, mesmo assim o objeto continua vivo e presente dentro de um museu, de certa forma protegido, para que essa história não se apague de vez da memória daqueles que o conhecem.

REFERÊNCIAS

Livros:

ALVES, Marileide. **Povo Xambá resiste:80 anos de repressão aos terreiros em Pernambuco/** Marileide Alves; prefácio Hildo Leal Rosa – Recife: Cepe,2018.

ANDRADE, Mario de. **O turista aprendiz//**Mário de Andrade; edição de texto apurada, anotada e acrescida de documentos por Tele Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador – Brasília, DF: Iphan,2015.

ABREU , R. CHAGAS, M (orgs). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos.**2 ed. – RJ. Lamparina, 2009.

BORGES, M,E L. Inovações, coleções , museus. 1 ed . – BH: Autentica Editora, 2011.

BAUDRILLARD, Jean, 1929-2007- O sistema dos objetos/ Jean Baudrillard ; tradução Zulmira Ribeiro Tavares – São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHOAY, Françoise,1925- **Alegoria do Patrimônio/Françoise Choay;** Tradução de Luciano V. Machado, 6. Ed.SP:Estação Liberdade: Ed. UNESP,2017.

COSTA, V. FLÁVIO, G, (orgs). **Religiões Negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação,** 1 ed. SP: Selo Negro,2016.

LIMA, I. M. F, GUILLEN I. C. M. **Cultura Afro-descendentes no Recife: Macatus, valentes e catimbós.** 1 ed. Recife: Bagaço,2007.

LODY, Raul. **O negro no Museu Brasileiro: construindo identidades.** 1 ed. RJ. 2005.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia.** BH, Autentica Editora. 2013

SANTOS, G.R.C.M. MOLINA N.L., DIAS V. F. **Orientação e dicas práticas para trabalhos acadêmicos.** 1. Ed. Curitiba , Ibpex, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. SP: Cortez, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da, **O Antropólogo e sua magia**. 1ed.2 reimpr. SP, Edusp,2015.

RIBEIRO, Renè. **René Ribeiro e a Antropologia dos Cultos Afro-Brasileiros**/ Celina Ribeiro Hutzeler (org) , 1 ed. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2014.

Artigos de revistas:

CAMPUS, Z.D.P. – A policia no Estado Novo Combatendo o Catimbó. Revista Brasileira de História das Religiões- Ano I,n 3, JAN 2009.

Congresso Afro- Brasileiro,3, 1982, Recife, PE. Anais do Congresso Afro-Brasileiro: Os Afro-Brasileiros. Coord. Roberto Motta. – Recife; Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2017.

LODY, Raul, catalogo . Coleção culto Afro- Brasileiro: um testemunho do Xangô Pernambucano: Museu do estado de Pernambuco, Recife , 1983.

REVISTA DO APEJEPE. Recife: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, ano 1,n,1,2016.

SANTOS, M.S – Entre troncos e atabaques: a representação dos negros nos museus brasileiros. IN. Testos do Projeto UNESCO no Brasil : textos críticos / Cláudio Luiz Pereira e Livio Sansone, organização. - Salvador : EDUFBA, 2007

ANEXO

Entrevista completa do Babalorixá Manoel Papai.

Transcrição do áudio do Manoel Papai, entrevista concedida ao professor Renato Athias.

Vamos falar um pouco dessa estrutura do xangô de Pernambuco, Pernambuco começou com o sítio do pai Adão, com a vinda para Pernambuco de Ifá Tinuké uma negra que veio da cidade de Oio , criou em água Fria um terreiro Obá e Odé, com ela vieram outros negros, esse terreiro continua de pé contando uma história bonita e falando em ioruba ainda. Mais o Xangô de Pernambuco não é somente o terreiro do Pai Adão, algumas casas antigas como O loboJó que era Eustáquio Gomes de Almeida, filho de Obaluaê, com um terreiro na Campina do Barreto na rua do Dendê, 414, este homem foi muito importante na história do Gegê de Pernambuco. Era filho de um homem que se dizia filho de Santo de Bomboché, ainda hoje Bomboché é o Egum mais invocado no Brasil. O terreiro de Eustáquio era de Obaluaê , ele teve uma assistência muito grande da própria família de fabé e infabailá e Alaba , essa era a formação do grupo Gegê de Pernambuco.

Mas do outro lado tinha o Xambá de Arthur Roseno, Arthur Roseno veio em 1911 quando a repressão pegou Maceió, em Alagoas ele era alagoano, veio para Pernambuco e foi morar na rua: da Geração, 1119. Arthur Roseno teve um papel muito importante nesse Xangô do Recife, as primeiras via artes, as primeiras via alórixas de Pernambuco foram iniciadas por Arthur Roseno, foram iniciadas no Xambá, como alguns nomes famosos da época como mãe Lídia, Severina Paraiso, Maria Oiá, Maria das Dores e Amália Rocha. Todas mantiveram viva a nação após a morte de Arthur Roseno, porém a morte de Arthur Roseno trouxe um problema, não teve quem desse continuidade, não tinha um babalorixá que desse continuidade. O que aconteceu a maioria dos terreiros eu diria que oitenta por cento dos terreiros de Xambá aderiram ao Nagô, ao Nagô agora de Pai Adão, com a morte de Fatinoqué em 1919,

assume o Pai Adão foi esse homem que deu procedimento a um trabalho deixado por Fatinoqué, os orixás o sitio do Pai Adão, hoje sítio do Pai Adão está lá contando uma história um dos marco da resistência negra de Pernambuco, que os terreiros na realidade foram marco da resistência do negro em Pernambuco, eu diria até que em outros estados também,

Arthur Roseno deixou pouco gente para dar procedimento ao trabalho dele, mas uma casa ainda hoje conta essa história, é a história da casa de Mãe Biu, hoje dirigida por Ivo e todos catam iorubá que é o ioruba de Pai Adão que é o ioruba de Fatinoqué, e tudo o que você escutar falar de ioruba em Pernambuco saiu do sitio do Pai Adão, lá foi onde tudo começou e se matem viva ainda hoje essa história língua iorubá em Pernambuco, a nação Gegê de Olobojó Eustáquio Gomes de Almeida, teve seu último rebento o último dos moicanos em 1955. Hoje o Gegê eu louvo a quem mantem viva essa sigla Gegê, a quem mantem viva essa nação Gegê, mesmo não sendo o Gegê de Eustáquio.

O que é que foi essa perseguição em Pernambuco? Foi um momento doloroso que eu não sei se hoje, a polícia tinha coragem de entrar nos terreiros pra fazer o que fizeram, invadiam os terreiros, batiam nas pessoas, levavam os apetrechos, eu chamo isso assalto, roubo, porque foi isso que a polícia da época fez. Hoje o negro é consciente do seu papel, hoje o povo de terreiro respeita para ser respeitado.

O que salvou em parte os terreiros de Pernambuco? Por incrível que pareça a Igreja Católica, faz parte desse momento, os terreiros para sobreviver eram obrigados a rezar ladainhas para Nossa Senhora, para Santo Antônio, festas de São João, todo um ritual católico dentro dos terreiros. Um grupo de pessoas de roupas de santo azul e branca na frente de um altar cantando pra Nossa Senhora, em latim, em latim ficavam lá cantando pra Nossa Senhora, as senhoras, negros, brancos e quando acabaram de cantar a última reza, a Deus o mãe de bondade senhor do Bomfim adeus, o Ilú tocou e cantaram pra Exú, na mesma hora as mulheres que estavam no altar saíram e formaram a Gira e os Ogans tocavam, elas estavam cantando em latim passaram a cantar em iorubá.

O sitio do Pai Adão por exemplo tinha uma capela, houve perseguição também ao sitio do Pai Adão, só que eles tiraram o que era mais de precioso

de dentro do Pegí e entregaram a natureza, mas está lá dentro do sitio, está lá dentro da terra um pé de iroco que é oco no meio e ali foi colocado tudo aquilo que veio de África, que Fatinoqué deixou, nos zelamos pelo pé de iroco, oramos e chamamos dali um espaço sagrado.

Em outros terreiros como o pátio do terço uma casa tradicional do Xangô do Recife, sediou-se lá na casa de Sinhá e Aia as duas velhas importantes do Nagô de Pernambuco também, no mês de outubro elas faziam uma festa para dar comida aos orixás, orixás que viviam trancados dentro de um móvel de madeira e só saíam em outubro, esses eram fechados e trancados para que os policiais não entrassem e não levassem tudo, então era apenas um móvel cheio de taças de vidros de bibelôs. E tem uma coisa mais engraçada nessa estória, alguns políticos participavam dessa festa deste almoço que era o encerramento, para os políticos eles estavam comendo a comida que foi feita para o banquete, quando na realidade eles estavam comendo os restos de Exu, de Iemanjá, o peguire de Xangô e outras comidas da culinária africana. Estas eram umas das marcas da história do negro em Pernambuco através do terreiro de candomblé, toda riqueza que saiu daqui a única coisa que Pernambuco ficou está aqui nessa casa, esses apetrechos, os oches, as ferramentas de Ogum, de Ode, Obaluaê, os apetrechos de Naná, os xeres de Xangô, as louças de Oxalá, de Iansã estão aqui.

A minha participação no Xangô do Recife, ela vem a partir do meu nascimento, eu nasci dentro de um terreiro de candomblé da mãe Lídia, que a minha mãe era sua filha carnal, o toque começava as quatro horas da tarde no dia de natal, pararam o candomblé para que eu nascesse, parou o toque eu nasci e deram continuidade ao toque, e aí a parteira me chamou de Papai Noel, que eu nasci no dia de natal, tiram o Noel e ficou Papai, onde eu sou conhecido até hoje eu fui conhecido como papai, paizinho, hoje sou registrado na UNESCO como Manoel Papai. Comecei uma estória na casa da minha avó ouvindo xambá por isso eu conheço um pouco de xambá, ouvindo xambá, tocando xambá, comendo a comida de xambá, isso já na rua da Geração, e aí a minha mãe era de Oxum, era quem fazia o presente de Oxum da casa da minha avó, e eu continuei tocando, continuei como Ogan, até o falecimento do meu pai, minha avó já morava em Águas Compridas em Olinda, e aí eu assumi o terreiro da minha avó, assumi também o terreiro da minha mãe de santo

Maria das Dores, que veio também de Xambá e que depois continuou com Pai Adão, com o Zé Romão. E aí outras casas eu assumi, 1978 eu assumi o terreiro do Pai Adão do meu avô onde estou até hoje, mantendo vive uma tradição da língua, dos cânticos, dos rituais, e comigo a maioria dos Ogans que estão comigo hoje, são da família do Pai Adão.